

## 4. Guilherme Freire Marques \*

### *Capitão de quê? Heróis, vilões e o contexto histórico nos quadrinhos do Capitão América*

#### ABSTRACT

**E**ste trabajo tiene como objetivo mostrar cómo el contexto histórico influye en los cómics de Capitán América, especialmente en la construcción de los villanos y su evolución a través del tiempo. Retomando a autores como Dutra (2002) y Facina (2004), mostraremos como los escritores son un reflejo de la sociedad de su tiempo, y que ideas y principios son trasladados a los cómics. Analizamos qué sucedió en Estados Unidos y en el mundo hacia 1941, año del lanzamiento de los dos primeras cómics, al igual que las relaciones entre Rusia y Estados Unidos entre 2001 y 2018, cuando la rivalidad entre estos dos países creció, evidenciándose en el rol de los villanos del Soldado de Invierno (2008), Invierno en América y Capitán de Nada (2018).

Palabras clave: Capitán América, Cómics, Estados Unidos, Rusia

**O**ur goal in this essay is to show how historical context have influence in Captain America comic books, especially in the construction of villains and how they will develop over the years. We used Dutra (2002) and Facina (2004) to understand that writers are products of their time, of the society where they live in, that ideas and principles are spread in comic books. We analysed what happened in the United States and in the World before 1941, release year of his first magazines and the Russia and USA relations 2001-2018, where the rivalry grows between these two countries which ends up reflecting in the villians of comics Winter Soldier (2008), Winter in America and Captain of Nothing (2018).

Keywords: Captain America, Comic books, United States, Russia.

\*\*\*

**E**ste presente artigo tem como objetivo mostrar como o contexto histórico tem influência nas histórias em quadrinhos do Capitão América, especialmente na construção dos vilões e na forma que eles se desenvolvem com o passar dos anos. Utilizamos Dutra (2002) e Facina (2004) para entender que os escritores são fruto do seu próprio tempo, da sociedade onde vivem, que ideias e princípios são propagados nas histórias em quadrinhos. Analisamos o que ocorria nos Estados Unidos e no Mundo antes de 1941, ano do lançamento das duas primeiras revistas e na relação entre

***Rússia e Estados Unidos entre 2001 e 2018, onde a rivalidade cresce entre os dois países e isso acaba refletindo nos vilões de Soldado Invernal (2008), Inverno na América e Capitão de nada (2018).***

**Palavras-chave: Capitão América, Quadrinhos, Estados Unidos, Rússia**

\*\*\*

## Quadrinhos e a História

Nosso objetivo neste artigo foi fazer uma análise de algumas histórias do personagem, atentando para o contexto histórico em que elas foram criadas, a relação dos vilões com o contexto, e a complexidade que as histórias ganham ao longo do tempo. Para isso, utilizaremos os dois primeiros números de 1941, um arco de 2008 e outros dois de 2018. Acreditamos no que diz Adriana Facina (2004) sobre os escritores e a literatura:

“Nesse sentido, é necessário para aqueles que pesquisam literatura e literatos historicizar radicalmente seu objeto. Por mais que autores como Dostoiévski tenham muito a dizer à nossa época, sua obra é fruto de seu tempo e, portanto, é historicamente situada. E também os escritores são

produtos de sua época e sociedade. Desse modo, mesmo o artista mais consagrado, considerado alguém dotado de um talento especial que o destaca dos outros seres humanos, é sempre um indivíduo de carne e osso, sujeito aos condicionamentos que seu pertencimento de classe, sua origem étnica, seu gênero e seu processo histórico do qual é parte lhe impõem. Sua capacidade criativa se desenvolve num campo de possibilidades que limita sua possibilidade de escolha.”<sup>1</sup>

Assim, nos distanciamos de um senso comum que acredita que as histórias em quadrinhos são apenas histórias por si só, sem possuírem conexão com a realidade ou que certos assuntos presentes são “lacrção”, nome pejorativamente dado para enredos que apresentam em seu conteúdo feminismo, pautas LGBTQ ou antirracismo, mas reflexos da sociedade, como também das experiências e da posição que os escritores e artistas ocupam. Atentamos para a construção dos vilões, onde os condicionamentos de quem faz a obra estão presentes na forma dos medos, posições políticas e ideais contrários à sociedade em que ela é escrita. A literatura e as histórias em quadrinhos nem sempre foram admitidas como fonte história. A aceitação é recente e ocorre graças a Escola dos *Annales*<sup>2</sup>, que passou a considerar outros

<sup>1</sup> Adriana Facina. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.9-10

<sup>2</sup> Segundo Peter Burke (1992) “Uma boa parte dessa nova história é o produto de um pequeno grupo associado à revista *Annales*, criada em 1929. Embora esse grupo seja chamado geralmente de a “Escola dos *Annales*”, por se enfatizar o que possuem em comum, seus membros, muitas vezes, negam sua existência ao realçarem as diferentes contribuições individuais no interior do grupo

[...] Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e

elementos como fonte, além dos já tradicionais no ofício do historiador. O estudo dessa forma de mídia é importante porque, segundo Joatan Preis Dutra (2002) “Histórias em quadrinhos são uma ferramenta poderosa de propagação de ideias e princípios, como também reflexo do contexto histórico e social que as cercam, tornando-se uma fonte inesgotável de pesquisa.”<sup>3</sup> Além disso, consegue mesclar a literatura com a pintura, importantes também como fonte para o fazer histórico. Os super-heróis fazem grande sucesso e quebram recordes em outras formas de mídia, como no cinema e nos games, mas o pontapé inicial em suas aventuras ocorre nas revistinhas. As histórias de super-heróis se assemelham bastante com os mitos, mas numa versão moderna:

“Todos os povos, em um determinado momento de sua evolução, criaram lendas, ou seja, relatos fabulosos aos quais durante certo tempo deram crédito – ao menos em algum grau. No mais das vezes, as lendas, por fazerem intervir forças ou seres tidos como superiores aos humanos, pertencem ao domínio da religião. Eles se apresentam, pois, como um sistema mais ou menos coerente de explicação do mundo, e cada um dos gestos do

herói cujas proezas são relatadas é criador e gerador de consequências que ressoam no universo inteiro. A esse tipo pertencem os grandes poemas épico-religiosos da literatura indiana. Em outros países é um elemento épico que predomina. É claro que os deuses não estão ausentes do relato, no qual sua ação é sensível, mas a gênese do mundo não chega a ser posta em questão.”<sup>4</sup>

Alguns desses deuses e seres mitológicos de diversos povos chegam até a figurar nas histórias das gigantes do mercado, Marvel e DC *Comics*, como Ares, Thor, Hércules, Gilgamesh e as Valquírias. E não foram apenas esses que serviram de inspiração para os super-heróis estadunidenses:

“Heróis folclóricos como Robin Hood nasceram de figuras como Robin Hood, enquanto a literatura deu à luz a vingadores mascarados como o Pimpinela Escarlata. Os *penny dreadfuls*<sup>5</sup>, as *dime novels*<sup>6</sup>, as radionovelas e os seriados de cinemas apresentavam combatentes do crime mascarados, como o Besouro Verde e o Fantasma. Essas influências mitológicas e o sem-número de heróis

conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores.” Para saber mais ver Peter Burke. *A Revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales 1929-1989*

<sup>3</sup> Joatan Preis Dutra. História e História em quadrinhos: A utilização das hqs como fonte histórica político-social. UDESC, 2002, p.4

<sup>4</sup> Pierre Grimal. Mitologia grega; Porto Alegre, L&PM, 2019, p.7

<sup>5</sup> Segundo André Godirro em Brian J. ROBB (2017) “Os *penny dreadfuls* eram a literatura barata da era vitoriana, vendida a 1 centavo de dólar(*penny*), com histórias contadas em capítulos semanais sobre aventuras e casos policiais violentos, sensacionalistas e sangrentos.” p.17

<sup>6</sup> Segundo André Godirro em Brian J. Robb (2017) “Termo abrangente para outro tipo de ficção americana barata, vendida a 10 centavos de dólar, com origem na série *Dime Novels* da editora Beadie, de 1860.” p.17



de revistas pulp seriam levados em conta no nascimento de super-herói moderno, culminando na criação do Super-Homem em 1938.”<sup>7</sup>

Assim como nos mitos e suas variações, a origem desses deuses da ficção acaba sofrendo modificações de tempos em tempos, de modo a dar uma roupagem mais moderna, que faça mais sentido, apresentando uma maior representatividade. Apesar das alterações, geralmente o núcleo do personagem nesses arcos de origem não se modifica tanto assim. Super-Homem e Batman, os primeiros nessa forma moderna estadunidense de super-herói, surgiram no contexto da Grande Depressão e da onda de criminalidade que se abatia sobre os Estados Unidos nos Anos 1920 e 1930. O personagem que vamos tratar neste artigo nasceu no contexto da II Guerra Mundial, do domínio da Alemanha nazista sobre a Europa e de uma aguardada entrada dos Estados Unidos no conflito. De acordo com Ferreira de Melo (2018) aspectos visuais do Capitão passam uma mensagem bem clara: seu uniforme tem as cores da bandeira estadunidense e o A na testa marcam sua origem, o escudo que ele usa se parecia com um distintivo policial (posteriormente alterado para o tradicional escudo em forma de disco, pois o antigo

parecia o de outro personagem) e reforça o seu aspecto de defesa em relação a guerra.

### Primeiras Aventuras

Em Capitão América número 1<sup>8</sup>, de março de 1941<sup>9</sup>, o personagem enfrenta um espião da Gestapo<sup>10</sup> logo na primeira história do volume. Nela, foi contada a sua origem e foi apresentado o seu parceiro Bucky Barnes. Juntos, eles iriam “combater os elementos malignos que tentam derrubar o governo americano”.<sup>11</sup> Na segunda aventura desta mesma edição, os personagens Sando e Omar faziam shows onde estes previam desastres que se consumavam. Ao longo da revista é revelado que Omar era manipulado por Van Krantz, que planejava os ataques e pela Gestapo, que executava as ações, visando afetar a moral do governo estadunidense. O vilão na terceira história da edição é um nazista que traçava seus planos num tabuleiro de xadrez e com ajuda de seus capangas eliminou altos membros do escalão militar. Em Capitão América e o enigma do Caveira Vermelha, última história do volume, temos a aparição do seu arqui-inimigo, (ainda que numa versão primitiva) também um nazista. O malfeitor era o Sr. Maxon, que possuía uma companhia aeronáutica ligada ao exército

<sup>7</sup> Brian J. Robb. A identidade secreta dos super-heróis: A história e as origens dos maiores sucessos das HQs: do super-homem aos vingadores. Rio de Janeiro, Valentina, 2019, p.17

<sup>8</sup> Joe Simon; Jack Kirby. *Captain America Comics Vol.1 no.1*, Timely Publications, 1941 Em: Timeline Comics <https://timelinecomics.blogspot.com/2016/11/captain-america-comics-marvel.html> Acessado em: 8 de julho de 2020

<sup>9</sup> Segundo Brian Robb (2017), p.89, o primeiro número foi publicado em dezembro de 1940. Março de 1941 é data que consta na capa.

<sup>10</sup> “O chefe das SS, Heinrich Himmler, também transformou a polícia comum (não-partidária) em um instrumento de terror. Ele ajudou a criar a Polícia Secreta do Estado (*Geheime Staatspolizei*), a Gestapo. Por toda a Alemanha, esta polícia não uniformizada empregava métodos cruéis e desumanos para identificar e prender oponentes políticos e outras pessoas que se recusavam a obedecer as leis e políticas do regime nazista.” <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ss-police-state>

<sup>11</sup> Joe Simon; Jack Kirby. *Captain America Comics Vol.1 no.1*, Timely Publications, 1941, p.8

estadunidense e executou membros deste disfarçado com uma máscara de um crânio humano. No fim da aventura, o Capitão encontrou um bilhete do próprio *Fuhrer* para o Caveira. Já em Capitão América número 2, de abril de 1941,<sup>12</sup> seus inimigos na primeira história da edição são Anciões Orientais, gigantes vindos do Tibete comandados por Benson, um banqueiro. Na segunda aventura desta edição, o desaparecimento de um financista levou o Capitão para a Europa, onde ele passou pela França ocupada pelos nazistas até chegar na Alemanha para enfrentar Hitler e Goering. A terceira e última história do volume é sobre um espião chamado Homem de Cera, que estava a serviço de uma potência estrangeira hostil, matou o senador Keates e tentou um ataque com tanques ao campo *Lehigh* onde o recruta Rogers (alter ego do Capitão) serviu, frustrado pela dupla de heróis. Como desfecho, o homem de cera era o disfarce do prefeito Dobbs. Essencialmente temos três temores: o nazismo, espiões e figurões, como o prefeito e dono da companhia aeronáutica, que podiam ser corrompidos. Apesar dos Estados Unidos entrarem na II Guerra apenas no fim de 1941, com o ataque a Pearl Harbor, em agosto de 1939 já havia uma comissão nomeada pelo presidente estadunidense Roosevelt chamada Junta de Recursos de Guerra.<sup>13</sup> E os esforços não pararam por aí:

“Depois de 1938, a maior parte da hostilidade estadunidense era dirigida ao que era visto como a agressiva política externa da Alemanha. Nos Estados Unidos, a Alemanha era vista como o inimigo moral, ideologicamente contra os princípios estadunidenses, tentando conquistar o mundo. Essa visão foi reforçada por vários líderes políticos e de governo estadunidenses.”<sup>14</sup>

A própria criação do personagem tinha uma dupla função: demonstrar a ojeriza ao regime nazista e ser um agregador para os que apoiavam a entrada dos Estados Unidos na guerra, já que um dos criadores acreditava que o movimento antiguerra tinha uma boa organização e não havia algo que unificassem os cidadão a favor da entrada no conflito.<sup>15</sup> “A maior parte das expressões oficiais sobre as finalidades da guerra, tal como refletiram em folhetos, filmes, publicidade e rádio, fazia dos exércitos do Eixo e da política totalitária o inimigo e da vitória militar o único remédio adequado.”<sup>16</sup> Desta forma, faz sentido o personagem que representa os estadunidenses usar um escudo. Como se viam moralmente distintos, o Capitão e seu país entram na guerra para defender seus ideais de liberdade contra um regime autoritário. A presença de espiões nazistas em solo estadunidense também refletiu o que

<sup>12</sup> Joe Simon, Jack Kirby. *Captain America Comics Vol.2 no.2*, Timely Publications, 1941 Em: Timeline Comics <https://timelinecomics.blogspot.com/2016/11/captain-america-comics-marvel.html> Acessado em: 8 de julho de 2020

<sup>13</sup> Otis L. Graham Jr. Os anos de crise: A América na depressão e na guerra, 1933-1945 em *O século inacabado: A América desde 1900 - Volume 1*. Willian

E. Leuchtenburg. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, p.442

<sup>14</sup> Joan Irene Miller. “Spies in America: German espionage in the United States, 1935-1945” (1984). Dissertations and Thesis. Portland State University Paper 3579, 1984, p.163-164. Tradução livre do autor

<sup>15</sup> Brian J. Robb. *A identidade secreta...*, op cit., p.90

<sup>16</sup> Otis L. Graham Jr. *Os anos de crise...*, op cit, p.456

ocorria naquele momento e que causou alvoroço na população:

“A prisão de Gunther Rumrich em 1938 foi a primeira manifestação de agressão nazista direcionada aos Estados Unidos. Foi nesse ponto em que todos os medos abrigados pelos estadunidenses em relação aos nazistas pareciam justificados. O fato de agentes de espionagem terem sido enviados para os Estados Unidos parecia prova suficiente das intenções do Terceiro Reich. De repente espiões nazistas pareciam estar em todo lugar, enviados para enfraquecer os Estados Unidos, para roubar seus segredos, sabotar sua indústria, derrubar a nação por dentro. E o número deles parecia enorme. Para cada espião preso, era dito aos estadunidenses que havia centenas, até milhares mais em geral.”<sup>17</sup>

Em 1941, o público estadunidense foi outra vez informado da presença de agentes alemães entre eles. Dessa vez, mais de quarenta indivíduos envolvidos em dois círculos de espionagem foram presos pelo FBI.”<sup>18</sup> Com a presença de espiões nazistas dentro do país e a divergência ideológica que

existiu entre Estados Unidos e Alemanha, natural que eles fossem retratados como os vilões. Os únicos que não se adequaram são os Anciões Orientais, porém nos pareceu que eles representaram, ainda de uma forma tosca, o medo de um ataque japonês ou um confronto no Pacífico, o que acabaria ocorrendo mais tarde. A imagem de políticos e figurões como corruptos e permeáveis às investidas de elementos externos seria reflexo da ascensão da Máfia, que contava com a vista grossa de políticos que chegavam ao poder graças ao seu apoio, durante a Lei Seca<sup>19</sup>. Outros aspectos que notamos nessas histórias foram a ação sem muitos rodeios, a dinâmica mocinho contra bandido, os heróis se deixando capturar para descobrir o plano dos vilões, onde o clímax das aventuras era a revelação de quem estava por trás das maquinações que ameaçavam os EUA.

### O retorno da Guerra Fria

O arco de histórias “Soldado Invernal”<sup>20</sup> começou em uma região da Rússia perto da fronteira com o Cazaquistão, onde um encontro entre General Aleksander Lukin e Caveira Vermelha foi interrompido pela captura do Guardião Vermelho<sup>21</sup>. O Guardiã,

<sup>17</sup> Joan Irene Miller. “Spies in America...”, op cit., p. 165-166. Tradução livre do autor

<sup>18</sup> Joan Irene Miller. “Spies in America...”, op cit., p.166 Tradução livre do autor

<sup>19</sup> Segundo LIPPMAN (2009) “Em 1917, o Senado americano passou a Décima Oitava Emenda, que baniu a venda, produção, posse, ou transporte de bebidas alcoólicas. A Emenda foi aprovada por votação unilateral após apenas 13 horas de debate. Alguns meses depois, a Câmara dos Deputados ratificou-a depois de um dia. As legislaturas estaduais ratificaram-na em curto prazo. Em Janeiro de 1919, os três quartos de estados necessários tinham aprovado a emenda. De todos os 48 estados,

somente dois se recusaram a aprovar a emenda: Connecticut e Rhode Island.” p. 159 Tradução livre do autor

<sup>20</sup> Ed Brubaker. *Captain America: Winter soldier ultimate collection*. Marvel Comics, 2019 (Arquivo Marvel Comics App)

<sup>21</sup> “Através do Guardiã Vermelho, os russos esperavam aprimorar um herói nacional para representá-los como o Capitão América representava os Estados Unidos.” Tradução livre do autor <https://www.marvel.com/characters/red-guardian-alexishostakov/in-comics>



com autoridade dada pelo presidente Ieltsin, deu voz de prisão a Lukin por abandono de posto, roubo de segredos e armas do governo e traição contra a mãe Rússia. Lukin alegou que era o que tinha restado da Mãe Rússia e executou o Guardião. Num galpão, Lukin e Caveira encontraram uma arma que foi muito importante na Guerra Fria contra os Estados Unidos. O supersoldado nazista perguntou quanto o general russo queria pela arma e este indaga sobre um cubo cósmico de propriedades mágicas, que o Caveira alegou não estar com ele, mas que seus capangas estariam em busca naquele momento e que quando colocasse as mãos no artefato, haveria medo como nunca se viu. Depois dessa cena, o vilão de crânio vermelho já apareceu em Nova York com o artefato em sua posse e divagando sobre o Capitão. Em outra sequência de quadrinhos, vimos a Agente 13 Sharon Carter, conversando com o soldado estadunidense sobre a violência com que ele esteve agindo, sobretudo numa ação contra criminosos que planejavam explodir um trem. Este retrucou dizendo que eles eram terroristas e que teria sido melhor deixar explodirem o trem. Após a discussão, a Sharon Carter foi embora e o herói retornou para seu esconderijo sem se dar conta que havia uma figura à espreita: o próprio supersoldado nazista disfarçado. Este, lembrando o encontro, teve seus pensamentos sobre levar sofrimento a Rogers interrompidos por uma ligação do general Lukin. O vilão nazista, já em posse do cubo, como sabia o general, trocou ameaças na ligação e foi morto com um tiro nas costas ao fim dela. Logo após, uma figura informou a

Lukin que estava em posse do cubo e que seu antigo dono havia morrido. Enquanto isso, Rogers tinha sonhos e lembranças sobre a morte de seu antigo companheiro, Bucky. Após um telefonema, o Capitão acompanhou a autópsia do seu arqui-inimigo, foi até a cena do crime onde reconheceu o disfarce usado para segui-lo e teve um flashback de quando ficou sabendo da “forte mão direita de Hitler”. Nos quadrinhos posteriores, Lukin revelou a um amigo que tudo que foi feito era parte de um plano e que o cubo tinha pouca energia, mas suficiente para seus planos. Ao final do diálogo ele indagou ao amigo se iria ajudá-lo a tomar um conglomerado de energia. Atos que buscavam atingir o capitão ocorreram em sequência: Jack Monroe (o Nômade) foi assassinado, túmulos do Espírito de 76 (Willian Naslund) e Patriota (Jeff Mace) são vandalizados. Esses homens assumiram o manto de Capitão América depois do original ser dado como morto. Também foi revelado que o Senador Kennedy foi salvo pela ação de Willian Naslund, que acabou morto e foi substituído por Jeff Mace. Nick Fury<sup>22</sup> revelou ao supersoldado estadunidense que, após uma investigação da Interpol sobre um soldado morto em Londres, este fazia parte de um regimento de ex-soldados soviéticos que sumiu do mapa nos anos 1990 junto com seu general Aleksander Lukin. Posteriormente, este viraria presidente de uma corporação internacional com sedes em vários países chamada Kronas. O homem também foi protegido de Vasily Karpov, um nome que o herói estadunidense conhecia bem. Kronas era um pequeno vilarejo próximo de

**110** <sup>22</sup> “Filho de um piloto que lutou na I Guerra Mundial, Jack Fury, Nick Fury se tornou um lendário herói nos primeiros anos da II Guerra Mundial (...) Nos últimos anos, Fury foi escolhido como diretor da SHIELD, uma

agência de inteligência internacional equipada com a tecnologia de Tony Stark.“  
<https://www.marvel.com/characters/nick-fury-sr>  
Tradução livre do autor

Stalingrado onde, em novembro de 1942, Bucky Barnes e Karpov se encontraram buscando destruir uma superarma projetada pelos nazistas guardada pelo *Master Man* e o Caveira Vermelha. Numa ação desastrosa, os vilões conseguiram fugir e a arma se autodestruuiu, acabando por matar os homens de Karpov que haviam sobrevivido ao confronto. Após uma discussão, Karpov alega que o Capitão jamais entenderia, porque enquanto EUA e Alemanha possuíam supersoldados e superarmas, os russos só podiam contar com o inverno. Ali, Karpov encontra um menino chamado Alek, que havia perdido sua mãe na destruição do vilarejo. No presente, após a destruição de um prédio graças a ação de Lukin e seu cubo mágico, Fury revela que o homem por trás de vários assassinatos durante a Guerra Fria, o Soldado Invernal é na verdade Bucky Barnes. Após ser encontrado congelado e sem um braço (que ficou preso na explosão do avião em que tentou escapar junto com o Capitão) em alto mar por Karpov em abril de 1945, ele é submetido a vários testes que indicam perda de memória por lesão cerebral, mas suas habilidades de luta e línguas se mantiveram. Sua mente passou por um programa de reprogramação e ele ganhou um braço biônico, tornando-se a arma soviética. Participou de missões eliminando alvos militares e diplomáticos em diversas cidades pelo mundo onde seu grande trunfo era ser facilmente confundido com um cidadão estadunidense, porém ele passou a apresentar instabilidade mental e sua mente procurava preencher as lacunas que faltavam na sua memória, rebelando-se contra a programação recebida e questionando ordens superiores. Antes do projeto Soldado Invernal ser desativado e colocado em hibernação

junto com outras armas, ele foi guarda costas de Vasily Karpov no Oriente Médio. Ao saber dessas informações por um dossiê, o Capitão negou a verdade e depois ficou devastado, pensando em como poderia relembrar Bucky de sua antiga vida. Em Nova York, na sede da Kronas, Lukin tenta vender o cubo por 100 bilhões de dólares para CEOs das mais poderosas companhias do Mundo, o que na verdade é uma jogada para atrair e forçar a assinatura de contratos tornando as empresas subsidiárias da Kronas. Após ter atacado e enviado para o hospital um de seus empregados que tocou no cubo, Lukin se convenceu que o artefato era amaldiçoado e pediu ao Soldado Invernal que o enterre. O supersoldado estadunidense descobre a localização de seu ex-amigo e foi confrontá-lo. A história termina com o Capitão usando o cubo para fazer com que o seu oponente relembresse seu passado como Bucky. Depois de tentar destruir o artefato, Soldado Invernal/Bucky sumiu e reapareceu no *Camp Lehigh*, onde serviu e conheceu Steve Rogers. Um dos efeitos colaterais do uso do cubo, Lukin acabou com o Caveira Vermelha preso em sua mente.

A Rússia tem papel fundamental nesse arco de histórias, onde ela vai de aliada, nos flashbacks da II Guerra Mundial, a inimiga na Guerra Fria e uma nova ameaça no momento em que a história se desenrola. Em 1999, o então presidente Boris Ieltsin renunciava e deixava o cargo para Vladimir Putin:

“A presidência Putin condiciona a recuperação do status russo no exterior à gradual reconstrução do Estado nacional, tanto do ponto de vista social e cultural, como



econômico. Além da retomada do orgulho nacional, da bandeira e dos hinos russos, Putin anula, com base em acusações de corrupção e criminalidade, muita das privatizações da Era Ieltsin no setor energético. Definido como estratégico, o setor energético era, dentro de uma economia russa fragilizada, uma exceção e fonte principal de receitas.”<sup>23</sup>

É interessante atentarmos para um detalhe: a empresa de Aleksander Lukin, Kronas, compra o conglomerado de energia estadunidense, mais precisamente de petróleo conhecido como *Roxxon Energy Corporation*. Voltando ao contexto das relações entre Estados Unidos e Rússia de 2001 a 2008:

“O que se pode observar foi uma relação complexa caracterizada por oscilações entre a cooperação e o conflito, que possui duas fases, de 2001 a 2003, cujos marcos são os atentados de 11/09 e o início da Guerra do Iraque, com predomínio de um clima positivo entre Rússia e EUA; e, de 2003 a 2008, que engloba a Guerra do Iraque e a crise dos EUA.”<sup>24</sup>

Apesar de uma posição cooperativa de início, as relações entre estadunidenses e russos começam a se deteriorar até chegar ao ano de 2008, quando é publicada a história. Na passagem em que o Capitão e Karpov

discutem acerca da ação que acaba vitimando os homens soviéticos, fica claro que existiam diferenças entre o modo estadunidense de agir e o modo soviético. Na política externa, essas diferenças vão se manifestar mais profundamente a partir de 2003:

“O ano de 2003 foi crucial para o aumento da insatisfação russa com os EUA e a recuperação da defesa de um mundo multipolar. Os norte-americanos começam a ser vistos com extrema desconfiança pela administração Putin por sua interferência em processos eleitorais e políticos em Estados pertencentes à antiga esfera de influência soviética, agora russa, agravando o estrangulamento já iniciado com a OTAN e a GWT na Eurásia.”<sup>25</sup>

“Estas interferências afetam a política de Putin de recuperar o poder regional russo e foram representadas pelas “Revoluções Coloridas”: Rosa na Geórgia em 2003, Laranja na Ucrânia em 2004/2005 e Tulipa no Quirguistão em 2005. Conversações com Geórgia, Ucrânia, e Belarus para sua integração à OTAN foram vistas com insatisfação e, dentre as respostas russas a estas ações, em 2003 foi estabelecida a Organização do Tratado de Segurança Coletiva – Rússia, Bielo-Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Armênia.”<sup>26</sup>

<sup>23</sup> Alessandria Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia: Convergência e divergência geopolítica (1989-2016)” em: Meridiano 47, 17: e17017, 2016, p.7

<sup>24</sup> Alessandria Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia..., op cit., p.8-9

<sup>25</sup> Alessandria Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia..., op cit, p.10

<sup>26</sup> Alessandria Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia..., op cit., p.10

A Rússia passa a ver os Estados Unidos como fomentador desses movimentos que minam sua influência na região, bem como colocam no poder governos pró-Occidente. Por outro lado, crescem as denúncias de falta de liberdade de imprensa e de que o governo Putin era autoritário. O Discurso de Munique<sup>27</sup>, em 2007, onde Putin afirmou seu desejo de que a Rússia tivesse um papel similar ao ocupado pela URSS na política internacional e fez acusações aos Estados Unidos deixaram o clima de uma nova Guerra Fria pairando no ar. Os ânimos acirrados não parariam por aí:

“Vale mencionar outros focos de tensão, como o confronto no Cáucaso entre Geórgia e Ossétia do Sul (agosto/2008). Os diálogos e vendas de armas russas a regimes considerados hostis pelos EUA, como Irã, Síria e Líbia, são igualmente motivo de conflito. Vale mencionar os acordos e exercícios militares Rússia-Venezuela para criação e fornecimento de uma central nuclear no país venezuelano, intensificada em 2008.”<sup>28</sup>

Com todo esse ambiente de tensão entre Estados Unidos e Rússia, não é difícil notar o porquê temos esse retorno ao clima de Guerra Fria nos quadrinhos do herói estadunidense. Lukin foi um ex-membro da KGB que tinha profundo ressentimento dos Estados Unidos, fez negócios com o vilão nazista (entendemos

como corrupção e financiamento de regimes hostis aos EUA), foi um homem de negócios que não hesitou em usar seu poder de barganha, lançou mão de uma máquina de matar usada na Guerra Fria e, por fim, acabou com a consciência do Caveira Vermelha aprisionada na sua mente. Não nos parece exagero associar esse aprisionamento na mente do personagem russo às acusações de autoritarismo por parte dos Estados Unidos ao governo Putin. O Caveira Vermelha é um dos primeiros grandes inimigos do supersoldado estadunidense, possui valores totalmente opostos e é símbolo do autoritarismo do regime nazista. Esse arco também mostrou um Capitão brutal no início, que depois ficou comovido com a morte do seu arqui-inimigo, discordou de seus superiores quanto a Bucky e que não desistiu do amigo, procurando que este relembresse de sua antiga vida. A sua lealdade não era para com o governo, mas sim com seus ideais. O assassinato de Jack Monroe e os túmulos dos homens que vestiram o uniforme de Capitão América vandalizados foram um ataque não só ao supersoldado, mas também ao espírito e valores atribuídos aos estadunidenses, como a luta pela liberdade. Aqui temos um aumento na complexidade no enredo, diferentemente das primeiras histórias que tinham a dinâmica bem contra mal, mocinho versus bandido. O herói mostrou agressividade excessiva e perigosa contra terroristas, compaixão com seu arqui-inimigo na hora da morte, recusa a aceitar a realidade de que

<sup>27</sup> “Putin acusou Washington de querer impor um mundo “unipolar”, de promover ações unilaterais à margem da legalidade internacional e de planejar uma “militarização” do espaço que teria conseqüências e ações contrárias à não-proliferação.” “Putin retoma linguagem da época da Guerra Fria na conferência de

Munique” Uol últimas notícias, 10/02/2007. Em: “<https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/02/10/ult1808u85410.jhtm>” Acessado em 8/7/2020

<sup>28</sup> Alessandra Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia...”, op cit., p.11

Bucky era um agente soviético, ficou contra seus superiores por acreditar que ainda podia salvar o amigo de longa data.

### Capitão de quê? O governo ligado ao estrangeiro

O arco Inverno na América<sup>29</sup> tem início logo depois da queda da organização HIDRA<sup>30</sup> do poder nos Estados Unidos. O Capitão América era um ditador nesse período e foi o rosto da dominação, ainda que fosse um impostor em seu lugar. Nas primeiras páginas vemos um discurso de Alexa Lukin, viúva de Aleksander Lukin, enquanto o herói estadunidense olha para um confronto entre manifestantes pró e contra a HIDRA:

“Para seu predecessor, o primeiro supersoldado tudo era tão simples. Capitão América era certo porque a América era certa. E o Capitão América era bom porque a América era boa. Muito mudou. As grandes guerras acabaram, eles dizem. As grandes causas, estão todas decididas. Moralidade é uma relíquia. Tudo é uma escolha; tudo é relativo. Qual é a importância entre o bom e o certo nessa América dividida e lamacenta? Me disseram que o supersoldado ainda se chama de Capitão. Mas capitão de quê?”<sup>31</sup>

Esse trecho nos remeteu não só ao aumento da complexidade nas histórias em quadrinhos, onde crescem os dilemas morais na hora de agir, bem como a quem serviam os super-heróis somada a própria situação enfrentada pela sociedade estadunidense nas eleições de 2016, que culminaram com a vitória de Donald Trump. O pleito acabou por acirrar os ânimos, sobretudo por uma atitude agressiva deste candidato para com sua adversária, Hillary Clinton, minorias e a imprensa. Essa atitude encontrou eco em seus apoiadores e não foram raros os casos de discussões acaloradas e confrontos entre manifestantes pró e contra Trump. Após a sua vitória, que contrariou as expectativas, foram levantadas suspeitas de que o candidato possuía ligações e contou com a ajuda da Rússia para vencer as eleições:

“Até agora, não há nenhuma evidência incriminatória de que Donald Trump ou qualquer outro membro de seu círculo íntimo sejam agentes russos. Ainda, na sequência da análise de (Malcolm) Nance, fica claro que era interesse russo promover um candidato que seguisse a política de Trump e Trump mesmo fez a campanha, montou uma equipe de transição, gabinete e administração que pode minar e até destruir a democracia dos Estados Unidos ou até diminuir sua posição perante o mundo. A campanha de Trump dividiu o país com seus ataques contra

<sup>29</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter in America*. Marvel Comics, 2019 (Arquivo Marvel Comics App)

<sup>30</sup> “Não existe organização terrorista mais malvada nem influente quando a Hidra. Tendo alguns dos mais maléficis vilões da história nas suas fileiras, a Hidra vem

promovendo estragos ao redor do Mundo desde a II Guerra Mundial”. Tradução do autor. <https://www.marvel.com/teams-and-groups/hydra>

<sup>31</sup>Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter in America*. Marvel Comics, 2019, p.4-6 Tradução livre do autor



mexicanos, imigrantes, muçulmanos, mulheres, os deficientes, a mídia e contra qualquer um que ousasse criticá-lo.”<sup>32</sup>

Nesse Estados Unidos de desconfiança, rivalidades, divisão e confrontos, a quem o Capitão estadunidense serviria? A luta contra inimigos externos, como ocorreu na II Guerra, unia o país. Agora o confronto era interno, entre cidadãos e valores que os uniam tinham sido deixados de lado. Alexa segue em seu discurso e compara Estados Unidos com a Rússia onde vemos três quadros: um com a imagem do czar e da sua família, outro com uma imagem da revolução russa e a última com soldados estadunidenses e soviéticos apertando as mãos na II Guerra Mundial. “Como vocês, nos rebelamos contra as elites do velho mundo. Como vocês, nós abraçamos a revolução. Você e eu fomos aliados uma vez...aliados revolucionários. Mas não porque éramos bons. Porque nós éramos fortes.”<sup>33</sup> Alexa continua em sua reflexão dizendo que sempre amou os Estados Unidos, pois eles estavam certos porque eram fortes, mas que hoje estariam assolados por parasitas, mentes fracas e capitães de nada e revela um plano:

“Mas nós que amamos a América forjamos um pacto sagrado de defesa, ciência, comércio e Deus. Esse pacto sagrado se levanta contra os fracos, os

parasitas e as mentes fracas e nós prevaleceremos, meu filho. – Soldados: odeie-nos...odeie-nos por nossa força...nossos garotos morrendo nos desertos... – Alexa: Então essa América pode ser forte outra vez, certa outra vez e nascer outra vez.”<sup>34</sup>

Aqui aparecem os planos da Elite do Poder, um grupo que ocupa cargos estratégicos no governo e tem como objetivo restaurar o status de grandeza dos Estados Unidos como correto graças a sua força. No decorrer da história, seus membros serão revelados e a iniciativa vai parecer mais controversa ainda. Essa ideia de um Estados Unidos de volta a um passado correto e glorioso que tinha sido perdido pelo meio do caminho nos lembra bastante o slogan da campanha de Trump, *Make America great again*.<sup>35</sup> Um ataque de soldados Nukes<sup>36</sup>, andróides que possuíam bandeiras dos Estados Unidos tatuadas no rosto, enviados por Alexa, espalhou o terror numa cidade e o Capitão foi confrontá-los junto do Soldado Invernal. Ao contrário deste, que atirou para matar, o supersoldado estadunidense ainda tentou conversar com os atacantes. O herói revela que odeia guerra e que Bucky, por ter visto o pior da humanidade, aprendeu a aceitar as baixas. Após essa ação, o general Thaddeus *Thunderbolt* Ross, membro do governo, deixa claro que o Capitão não era tido em conta para

<sup>32</sup>Douglas Kellner. *American Horror Show: Election 2016 and the ascent of Donald J. Trump*. Sense Publishers, 2017, p.138 Tradução livre do autor

<sup>33</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America...*, op cit., p.7-8 Tradução livre do autor

<sup>34</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter...*, op cit, p.8-13 Tradução livre do autor

<sup>35</sup><https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/make-america-great-again-who-said-it-first-n645716>

<sup>36</sup> “Um veterano da Guerra do Vietnã, Frank Simpson teve seu trauma pós-guerra usado como arma quando ele sofreu uma lavagem cerebral, se tornando uma selvagem, irracional, máquina de matar. Simpson recebeu um apelido apropriado dada a sua destrutiva e letal presença. Nuke (Arma nuclear)” Tradução livre do autor <https://www.marvel.com/characters/nuke-frank-simpson>

enfrentar ameaças vindouras pois não havia confiança governamental nele. O herói, ao agir para impedir um assalto no Brooklyn faz uma reflexão:

“Nós todos esquecemos de alguma coisa. Esquecemos como é difícil acreditar no sonho. Se segurar no sonho em meio ao caos. O quão difícil é ser um americano verdadeiro. Esquecemos que a verdadeira liberdade é um problema. Uma questão, não uma pergunta. Liberdade de quê? Liberdade para quê? E perdendo nosso caminho no meio da tempestade, encontramos abrigo. Um antídoto para o caos...HIDRA conquistou as pessoas - essa é a história que eles contam. Não. As pessoas esqueceram. Nós esquecemos. Eu esqueci.”<sup>37</sup>

Esse pensamento remete a ideais que uniam todos os estadunidenses, mas que haviam sido perdidos com o tempo, principalmente a liberdade que lhes havia sido tomada no governo do líder Supremo da HIDRA. Aplicando na realidade estadunidense, podemos refletir a questão sobre a liberdade em relação aos discursos contra imigrantes, deficientes, mulheres, comunidade negra, muçulmanos. A Constituição garante a liberdade de expressão, mas será que é legítimo utilizá-lo para fomentar discursos e organizações contra essas minorias? Voltando ao enredo, a vilã Alexa Lukin, viúva de Aleksander Lukin, buscou reviver o marido

e para isso pediu ajuda de Rasputin<sup>38</sup>. Com a ressurreição de Aleksander, ressurgiu também o Caveira Vermelha, aprisionado em sua mente. Outra vilã é Selene Gallio, que chefiou a Força Tarefa e Iniciativas Baseadas na Fé da Casa Branca. As duas aprisionam Sharon Carter, a Agente 13 após uma emboscada numa base militar na Albéria (um país fictício). Para Sharon, Alexa fala mais de seu plano:

“Eu admito minhas opiniões sobre sua nação, agente 13. Mas então quando explorei e fiz meu caminho entre suas cidades infestadas o que encontrei foi o coração da nação batendo nobre e vermelho como minha casa russa. E mais, eu encontrei soldados caídos, homens que lutaram contra a HIDRA e agora são motivos de piada e esquecidos. E eu encontrei outros, até em seu governo, que se sentiam do mesmo jeito. E então eu vi que eles eram todos russos. Esses todos Estados Unidos são russos. Um glorioso proletariado nos aguarda. Eu sabia que esse nobre coração da nação nunca faria oposição aos nossos esforços. Nós seríamos abraçados e congratulados na América como libertadores.”<sup>39</sup>

Novamente temos a ideia de um Estados Unidos muito próximo da Rússia. Aqui não fica muito claro se a ideia de Rússia é a da revolucionária, que derruba o czar, de uma Rússia autoritária dos tempos da URSS ou do

**116** <sup>37</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter...*, op cit, p.43-44 Tradução livre do autor

<sup>38</sup> É a versão dos quadrinhos para o personagem histórico russo Rasputin.

<sup>39</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter...*, op cit, p.100 Tradução livre do autor

governo Putin, como acusam os países do Ocidente. Enquanto isso, Steve Rogers conversou com homens numa cidade pequena e descobriu que a HIDRA consertou escolas, eliminou químicos por trás das drogas, possibilitou um sistema de saúde para todos e trouxe de volta os trabalhos. O homem se queixou também do modo que Washington havia esquecido deles. Quando a HIDRA caiu, o homem pensou que tudo estaria acabado, mas empresas poderosas preenchem a lacuna deixada pela organização. Por meio do Pantera Negra e seus aliados, o Capitão descobre que por trás dessas empresas estavam Wilson Fisk, conhecido como o Rei do Crime, Barão Strucker (mais um personagem que lutou pelos nazistas), Nuke, Zeke Stane e Selene Gallio. Todos vilões e que, por alguns terem lutado contra a HIDRA, estabeleceram conexões muito próximas com o governo estadunidense. Ao atacar a base onde Alexa e Selene mantinham Sharon Carter presa, o Capitão acaba violando a soberania da Albéria e sendo acusado de conspiração por se aliar ao Pantera Negra, que é governante de uma outra nação no universo Marvel. Alexa e Selene conseguem fugir através de um portal e Sharon não se lembra de nada, sendo difícil para o supersoldado provar não só o rapto da agente, mas também o envolvimento das duas vilãs. Após, Alexa e Rasputin se encontraram para discutir a ressurreição de Aleksander e uma parte do diálogo nos chamou a atenção:

“Alexa – E então agora a história demanda que sejamos libertados desses americanos e seus heróis, que

nos sujeitam a invasões e futuros sombrios. Todos eles falharam conosco. Rasputin – E eles falharão conosco novamente, eu sei. É um ciclo. Mas a Rússia não pode fazer melhor. Onde está seu Guardião Vermelho? Sua Estrela Negra? Alexa – A Rússia caiu. A Rússia é uma grande massa pesada. Então temos que, como os americanos dizem, pensar mais a frente. Uma nova ordem deve surgir...uma governando da escuridão dirigida por um homem de visão.”<sup>40</sup>

O plano de Alexa e suas motivações ficam mais claros: o ressentimento contra os estadunidenses e seus heróis e a inaptidão russa fazem com que ela reviva Aleksander para governar o país e usar sua influência no governo estadunidense para acabar com as consequências que as ações destes causam pelo mundo. Com esta ideia de uma nova ordem governando da escuridão e de um Estados Unidos russo, voltamos a refletir acerca da eleição de Donald Trump e as possíveis interferências da Rússia no processo, procurando garantir seus interesses, bem como a postura de Trump em relação ao governo de Moscou:

Trump não se cansava de dizer coisas boas sobre Vlad Putin, irritando aliados republicanos que corretamente veem Putin como um bandido e um ditador. Posteriormente, a posição de Trump em relação a OTAN, Síria, seus infinitos elogios a Putin e seus constantes chamados por

---

<sup>40</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America...*, op cit., p.142  
Tradução livre do autor



relações amistosas com a Rússia certamente servem aos interesses da Rússia e de Putin.<sup>41</sup>

Para compreendermos o porquê essa postura de Trump irrita e leva desconfiança aos estadunidenses devemos nos lembrar que o clima entre Rússia e Estados Unidos, em 2008, já não era muito favorável, com uma grande tensão que lembrava a Guerra Fria. A relação entre os dois países continuou a se deteriorar nos anos posteriores.

Em 2011/2012, a transição de poder na Rússia, com a nova vitória de Putin para assumir a presidência, associada à recuperação econômica-estratégica dos EUA elevou as tensões bilaterais. A eleição de Putin para um terceiro mandato à frente do Kremlin foi criticada pelos EUA e a EU, ocorrendo em um momento de elevação das tensões sociais e da crise econômica do país. Protestos contra Putin como os realizados por grupos como o “Pussy Riot” ganharam ampla divulgação na mídia ocidental, assim como a expansão das forças de oposição em países vizinhos à Rússia.<sup>42</sup>

No ano de 2013, dois focos de tensão nas relações entre Estados Unidos e Rússia surgiram, tanto com o apoio da Rússia ao governo sírio em contraposição à oposição americana de ajuda com equipamentos militares aos grupos rebeldes quanto, com a decisão russa de acolher o ex-espião

americano da NSA, Edward Snowden, responsável por divulgar milhares de documentos que comprovam a espionagem dos Estados Unidos em relação a diversos países.<sup>43</sup>

No ano de 2014, o plebiscito de separação da Crimeia em relação à Ucrânia promovido unilateralmente pela própria província, à contramão da Constituição, criou um tensionamento internacional que relembra os dilemas geopolíticos da época da Guerra Fria, com uma clara polarização entre Europa Ocidental e Estados Unidos, contrários à iniciativa, de um lado, a Rússia, de outro, com franco apoio ao reconhecer, tanto a independência, quanto a anexação da Península da Criméia a própria Rússia.<sup>44</sup>

Assim, com tantos interesses em jogo e atritos entre os dois países, é no mínimo curioso que um presidente elogie seu adversário, contribuindo ainda mais para que as desconfianças em relação a lealdade do governo e uma interferência externa aumentem. Alexa, ao revelar seu plano para Aleksander, via o Capitão como “uma visão, um sonho, uma necessidade histórica, nascido de grandes guerras e grandes ideais”<sup>45</sup> Então, para matar o supersoldado estadunidense, era necessário não só matar a ideia, mas também a visão e o sonho. Podemos entender sonho aqui como o Sonho Americano ou American Dream<sup>46</sup>. O herói era um dos

<sup>41</sup> Douglas Kellner. *American Horror...*, op cit., p.137  
Tradução livre do autor

<sup>42</sup> Alessandra Luque; Cristina Pecequilo. “Estados Unidos e Rússia: Convergência e divergência geopolítica (1989-2016)” em: *Meridiano 47*, 17: e17017, 2016, p.13-14

<sup>43</sup> Elói Martins Senhoras. “Movimentos pendulares nas relações bilaterais entre Rússia e Estados Unidos.” Em: *Conjuntura Global*, vol.3, No 2, abr/jun, 2014, p.105

<sup>44</sup> Elói Martins Senhoras. “Movimentos pendulares...”, op cit, p.105

<sup>45</sup> Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter in America*. Marvel Comics, 2019, p.148

<sup>46</sup> “esse sonho de uma terra na qual a vida deve ser melhor, mais rica e mais plena para todos com oportunidade para cada um conforme com a habilidade ou conquista. É um sonho difícil para as classes superiores europeias interpretarem adequadamente. e

maiores exemplos desse ideal que paira sobre a nação. Ao destruí-lo, o país continuaria dividido, facilitando os planos dos vilões. Em seguida, ocorreu o assassinato de Thunderbolt Ross, golpeado com um escudo e o sentinela da liberdade passou a ser o principal suspeito. Assim, a combatida imagem do Capitão, que procurava se redimir em suas ações, seria seriamente afetada. Para garantir a total destruição da imagem do oponente, Alexa Lukin foi até o Canal Fatos coagir o Sr. Darin para que publicasse uma história dizendo que Steve Rogers era o Comandante supremo da HIDRA. Darin contestou, dizendo que não poderia fazer seus premiados funcionários publicassem matérias baseadas em teorias da conspiração, mas acabou cedendo diante da ameaça da Sra. Lukin de aposentar os jornalistas e levar a história para um concorrente. Podemos ver uma clara alusão às *fake news*, tão faladas, utilizadas na corrida presidencial estadunidense e uma ferramenta de Donald Trump para tirar o crédito da imprensa. Steve foi para um presídio em que Barão Von Strucker, outro arqui-inimigo de longa data, é o diretor. Acabou sendo pivô de um motim e fuga, que vai ser devidamente filmada e mostrada para todo país. Se no outro arco o herói questionou decisão de superiores e tinha compaixão com os inimigos, nesta ele desrespeitou ordens de superiores, foi suspeito de um assassinato, preso, colaborou e comandou criminosos para fugir do presídio, os vendo de maneira mais empática ao interagir no dia a dia encarcerado. Os vilões

ocuparam postos estratégicos no governo graças a suas ações contra a HIDRA e a linha bem x mal já não é tão simples quanto era em 1941. A própria organização maléfica, ao assumir o poder, trouxe melhorias na vida dos cidadãos que pareciam estar esquecidos pela administração federal. Alexa e a Elite do Poder tinham como objetivo manipular o governo e, no caso da vilã, buscava evitar que as ações desses superseres estadunidenses levassem o mundo a ruína. O herói estadunidense apareceu em descrédito com seu governo e com a população e a única coisa que fica de pé são seus ideais. Nem o seu alter ego escapou da difamação pública. Essa estratégia já havia sido utilizada contra Bucky Barnes quando este herdou o manto do Capitão América por um tempo: trouxeram o seu passado como Soldado Invernal à tona. Como isso não era possível com Steve Rogers, graças a um passado limpo, armam para que este seja responsabilizado pelo assassinato de Ross e também leve a culpa pelas ações do Líder Supremo da HIDRA. Bucky invadiu O Bar sem nome e tentou, violentamente, saber quem estava por trás da morte de Ross. Diante das negativas dos presentes e da violência utilizada, Bucky acabou sendo contestado pelo vilão Coruja. Barnes dizia ser um herói, mas estava espancando pessoas a troco de nada e, para o criminoso, a diferença entre vilões e heróis seria apenas o tamanho da arma.

---

muitos de nós crescemos fartos e céticos em relação a ele. Não é um sonho sobre carros e altos salários meramente, mas um sonho sobre uma ordem social onde cada homem e cada mulher deve ser capaz de alcançar a mais completa estatura do qual eles são inatamente capazes, e serem

reconhecidos pelos outros pelo o que eles são independentemente de circunstâncias fortuitas de nascimento ou posição.” (ADAMS, 1931)



## Conclusão

Nosso objetivo neste artigo foi mostrar como as histórias em quadrinhos se relacionam e estão sujeitas aos acontecimentos no mundo. Em especial nos quadrinhos do Capitão América, a utilização dos vilões tem estreita relação com a política interna e externa dos Estados Unidos. Nas primeiras histórias do personagem os vilões eram espiões nazistas, o que fazia sentido não só pelo contexto da II Guerra Mundial, mas também pelas notícias envolvendo atividades de espionagem alemã dentro dos EUA. Tivemos também os gigantes do Tibet entre os vilões, que revelaram uma preocupação com os possíveis inimigos vindos da Ásia. No arco do Soldado Invernal temos flashbacks da II Guerra Mundial, um retorno ao ambiente de Guerra Fria e antagonismos com a Rússia, motivados pelas tensões nas relações entre os dois países no período de 2008. Os principais vilões são Aleksander Lukin, um russo ex-KGB dono da empresa Kronas e o Soldado Invernal, que na verdade é Bucky Barnes após perder a memória e sofrer um processo de reprogramação mental por parte da URSS para agir em diversas missões durante a Guerra Fria. Nos arcos Inverno na América e Capitão de nada temos novamente os russos como principais antagonistas na figura de Alexa Lukin, de um ressuscitado Aleksander Lukin e a Elite do Poder, um grupo de diferentes nacionalidades em cargos estratégicos do governo estadunidense. Em uma sociedade dividida e com as instituições de governo permeadas de vilões ocupando cargos públicos, o objetivo destes é tentar destruir de vez a imagem do Capitão América, já arranhada graças a um impostor que colaborou com a HIDRA e se tornou líder

supremo. Alexa busca evitar que ações dos heróis estadunidenses acabem por prejudicar o mundo inteiro. Esse arco se relaciona especialmente com a eleição de Donald Trump, pois mostra uma sociedade dividida, um governo que não é confiável e alinhado com elementos externos, uma acusação feita a campanha de Trump, supostamente ajudada pelos russos para ganhar a eleição e aos seus discursos elogiosos a Vladimir Putin, mesmo diante de tantos interesses conflitantes e tensões entre os dois países. Além disso, temos também as *fake news* como forma de sujar a imagem de pessoas públicas, muito utilizada na corrida eleitoral estadunidense e no governo Trump como forma de deslegitimar a imprensa e seus oponentes e a ideia de um retorno aos áureos tempos dos Estados Unidos, que parecem fazer alusão ao slogan *Make America great again*, utilizado na corrida presidencial. E claro, a presença russa como antagonista, autoritária e que influencia o governo dos EUA. Esses arcos de histórias também refletem medos estadunidenses em diferentes tempos: de espiões operando em seu território, de um retorno da Guerra Fria, autoritarismo e de elementos estrangeiros manipulando o controlando o governo deste país. Outro ponto que nos chama a atenção é o aspecto moral das tramas: num primeiro momento, temos o mocinho x bandido típico de tempos mais simples, até porque o Capitão lidava com nazistas e estava alinhado com o governo. No 2º arco, o Capitão já se mostra mais empático com seus antagonistas, principalmente o Soldado Invernal, que um dia fora seu amigo, questionando ordens e indo até o fim para salvar seu ex-parceiro de aventuras. Em Inverno na América e Capitão de nada ele já está desacreditado pelo governo e pelos cidadãos, tentou recuperar



sua reputação, não seguiu as ordens recebidas, foi acusado de assassinato, preso, acabou se aliando com criminosos para fugir e os viu de maneira mais humana. A sua lealdade, que era até então ao governo, passou a ser aos seus ideais, num mundo que parece totalmente de pernas para o ar. A fala de Alexa, em que diz que o Capitão era bom e certo porque os Estados Unidos eram bons e certos, que tudo é uma escolha, relativo e que a moralidade é uma relíquia parece resumir bem a questão moral que verificamos ao percorrer essas histórias selecionadas. Ainda que a retidão e a bondade dos EUA sejam questionáveis, a entrada na II Guerra contra o Eixo contribuiu com essa imagem devido a todas as atrocidades que a Alemanha nazista cometeu por onde passou. A fala de que EUA e URSS eram revolucionários e proeminentes porque eram fortes nos parece menos problemática, principalmente na época da Guerra Fria e com o mundo dividido entre duas potências que buscavam expandir sua influência. O aprisionamento da consciência do Caveira Vermelha, vilão da Alemanha nazista, na mente de Aleksander Lukin é interessante, se analisarmos que uma das principais queixas dos países ocidentais em relação ao governo russo é de autoritarismo, intervenção e repressão. Nos parece uma tentativa de fazer alusão de que os valores dos governos ou de seus líderes são semelhantes, demonizando os russos como um grande mal similar aos das primeiras histórias e como ocorria na Guerra Fria graças a um contexto histórico em que a Rússia se opõe aos EUA e manipula suas eleições de modo a ter vantagens. Desse modo não parece exagero pensar que, se China e EUA acirrarem suas rivalidades, um vilão como o Mandarin possa aparecer em histórias futuras. A lealdade do

herói ao sonho americano parece uma estratégia inteligente porque pessoas, governos, instituições podem ser corrompidos, porém este ideal, que de certa forma unifica o país e alguns acreditam que paira no ar desde a chegada dos primeiros peregrinos ao território estadunidense seria incorruptível. A perda desse ideal e o problema com a liberdade (é legítima a liberdade para discursos e organizações de ódio?) provocam a divisão do país. Alexa disse que moralidade é uma relíquia, tudo é uma escolha e procura que as ações tomadas por vigilantes estadunidenses não levem destruição para o Mundo. Coruja diz que heróis e vilões só são separados por uma arma maior. São justamente as escolhas, motivações, métodos, moralidade ou lealdades a um ideal que vão diferenciar heróis de vilões num tempo de histórias tão complexas. Nós, leitores, sabemos o que ocorre na mente dos dois lados porque seus pensamentos são revelados no decorrer da trama, mas as pessoas que vivem nesse universo, não. Os vilões que eram o mal pelo mal parecem ter ficado num passado mais simples para os heróis, que agora também tem atitudes questionáveis.

## BIBLIOGRAFÍA

James Truslow Adams. *The Epic of America*. Boston: Little, Brown, and Co., 1931

Ed Brubaker. *Captain America: Winter soldier ultimate collection*. Marvel

Comics, 2019 (Arquivo Marvel Comics App)

Ta-Nehisi Coates. *Captain America: Winter in America*. Marvel Comics, 2019 (Arquivo Marvel Comics App)

\_\_\_\_\_. *Capitão América v.5-7: Capitão de nada*. Barueri, Panini Brasil, 2019

Gabriel Braga Ferreira de Melo. "A nação sou eu? A política nacional estadunidense sob olhar do Capitão América." Em: *5as jornadas internacionais de história em quadrinhos*. USP, 2018

Joatan Preis Dutra. *História e História em quadrinhos: A utilização das hqs como fonte histórica político-social*. UFSC, 2002.

Adriana Facina. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

Joe Simon; Jack Kirby. *Captain America Comics Vol.1 no.1*, Timely Publications, 1941 Em: Timeline Comics <https://timelinecomics.blogspot.com/2016/11/captain-america-comics-marvel.html> Acessado em: 8 de julho de 2020

\_\_\_\_\_. *Captain America Comics Vol.2 no.2*, Timely Publications, 1941 Em: Timeline Comics <https://timelinecomics.blogspot.com/2016/11/captain-america-comics-marvel.html> Acessado em: 8 de julho de 2020

Douglas Kellner. *American Horror Show: Election 2016 and the ascent of Donald J. Trump*. Sense Publishers, 2017

Alessandra Luque; Cristina Pecequilo. "Estados Unidos e Rússia: Convergência e divergência geopolítica (1989-2016)" em: *Meridiano 47*, 17: e17017, 2016

Red Guardian (Alexei Shostakov). Em: Marvel <https://www.marvel.com/character/s/red-guardian-alexi-shostakov/in-comics> Acessado em: 7 de julho de 2020

Nuke (Frank Simpson). Em: Marvel <https://www.marvel.com/character/s/nuke-frank-simpson> Acessado em: 7 de julho de 2020

HYDRA. Em: Marvel <https://www.marvel.com/teams-and-groups/hydra> Acessado em: 7 de julho de 2020

Nick Fury Em: Marvel <https://www.marvel.com/character/s/nick-fury-sr> Acessado em: 8 de julho de 2020

Joan Irene Miller. "Spies in America: German espionage in the United States, 1935-1945" (1984). Dissertations and Thesis. Portland State University Paper 3579, 1984

Elói Martins Senhoras. "Movimentos pendulares nas relações bilaterais entre Rússia e Estados Unidos." Em:

*Conjuntura Global*, vol.3, no 2,  
abr/jun, 2014, p.99-106

SS a polícia do Estado. Enciclopédia do  
Holocausto. Em: *United States  
Holocaust Museum*.  
[https://encyclopedia.ushmm.org/co  
ntent/pt-br/article/ss-police-state](https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ss-police-state).  
Acessado em: 5 de julho de 2020

Brian J. Robb. *A identidade secreta dos super-  
heróis: A história e as origens dos  
maiores sucessos das HQs: do super-  
homem aos vingadores*. Rio de Janeiro,  
Valentina, 2019

Otis L. Graham Jr. Os anos de crise: A  
América na depressão e na guerra,  
1933-1945 em *O século inacabado: A  
América desde 1900 - Volume 1*.  
William E. Leuchtenburg. Rio de  
Janeiro, Zahar Editores, 1976

"Putin retoma linguagem da época da Guerra  
Fria na conferência de Munique" UOL,  
10/02/2007. Em:  
[https://noticias.uol.com.br/ultnot/e  
fe/2007/02/10/ult1808u85410.jht  
m](https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/02/10/ult1808u85410.jhtm) Acessado em: 8/7/2020

Peter Burke. *A revolução francesa da  
historiografia: a Escola dos Annales  
1929-1989*. São Paulo, Editora  
Universidade Estadual Paulista,  
1991.

David Lippman. Crime and Violence. Em:  
*Handbook to life in America: The  
roaring twenties, 1920 to 1929*.  
Rodney Carlisle (Ed.). New York,  
Infobase publishing, 2009.

"Make America Great Again – Who said it  
first?" NBC news, 9/9/2016. Em:  
[https://www.nbcnews.com/politics  
/2016-election/make-america-  
great-again-who-said-it-first-  
n645716](https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/make-america-great-again-who-said-it-first-n645716) Acessado em: 24/7/2020